



**Pró-Reitoria de Graduação
Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso**

**DIREITOS HUMANOS DE JOVENS INDÍGENAS: SENTIDO DE
VIDA E SUICÍDIO EM JOVENS GUARANI-KAIOWÁ**

**Autor: Jardel Santana
Orientador: Prof. Dr. Benedito dos Santos**

**Brasília - DF
2014**

EDNALDO JARDEL ANDRADE DE SANTANA

**DIREITOS HUMANOS DE JOVENS INDÍGENAS: SENTIDO DE VIDA E SUICÍDIO
EM JOVENS GUARANI-KAIOWÁ**

Artigo apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Dr. Benedito dos Santos.

**Brasília
2014**



Artigo de autoria de Ednaldo Jardel Andrade de Santana, intitulado DIREITOS HUMANOS DE JOVENS INDÍGENAS: SENTIDO DE VIDA E SUICÍDIO EM JOVENS GUARANI-KAIOWÁ, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, em 16 de junho de 2014, defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Benedito dos Santos

Prof. Dr. Benedito dos Santos
Orientador
Psicologia / Doutorado – UCB

Silvia Lordello

Prof.^a. Dr.^a. Sílvia Lordello
Psicologia / Graduação – UCB

Vanildes dos Santos

Prof.^a. Msc. Vanildes dos Santos
Núcleo Formação Geral – UCB

Brasília
2014

Dedico esse trabalho a todos/as jovens
Guarani-Kaiowá, em especial àqueles/as
que ceifaram a própria vida.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Força Transcendental que rege o Universo, em seus diversos nomes. Para não esquecer de ninguém, prefiro não citar nomes, então todos/as, familiares, amigos/as, professores/as, colegas de curso, os/as indígenas Guarani-Kaiowá, enfim aqueles/as que diretamente ou indiretamente fizeram parte dessa minha trajetória e são co-responsáveis por essa conquista, sintam-se abraçados/as, em um simples gesto de agradecimento.

“A atual geração tem o desafio de reequilibrar a natureza, repensar a tecnologia, descobrir economias auto-sustentáveis e, sobretudo, redescobrir a arte de viver em tribos, a arte de viver suas afeições e expressões sagradas. Para isso, ela deve buscar entender a natureza, o universo e, consequentemente, o Ser” (Kaka Werá Jecupé).

DIREITOS HUMANOS DE JOVENS INDÍGENAS: SENTIDO DE VIDA E SUICÍDIO EM JOVENS GUARANI-KAIOWÁ

EDNALDO JARDEL ANDRADE DE SANTANA

Resumo:

O presente artigo faz revisão da literatura acerca do suicídio em jovens indígenas Guarani-Kaiowá. Inicialmente é feita uma introdução, na qual são apresentadas as razões pelas quais o autor se interessou por essa temática. Após a introdução, é realizada uma explanação sobre a realidade desses povos, mostrando dados das situações vivenciadas por eles, bem como sua cosmovisão, compreendendo que ela interfere no modo de ser e em suas relações, para em seguida abordar a temática do suicídio de maneira geral, e esse fenômeno entre os/as jovens Guarani-Kaiowá, apontando dados dessa realidade e algumas possíveis causas para essa prática. Na conclusão o autor apresenta algumas considerações para a referida temática.

Palavras-chave: Guarani-Kaiowá. Suicídio. Jovens.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo foi idealizado a partir da experiência vivenciada no Acampamento Internacional de Observadores/as dos/as Guarani-Kaiowás em Mato Grosso do Sul, realizado no município de Juti, entre os dias 22 de dezembro de 2012 e 05 de janeiro de 2013. O acampamento, organizado pela Aty Guassu (Conselho dos povos Guarani-Kaiowás) e o Comitê Internacional de Solidariedade ao Povo Guarani-Kaiowá, contou com a participação de 20 observadores/as, de diversos estados brasileiros e também de Portugal, observadores/as estes/as pertencentes às diversas áreas do saber (geografia, história, psicologia, letras, pedagogia, ciências da computação, comunicação, dentre outras).

Nesse acampamento foi possível perceber a situação de violência que atinge os povos Guarani-Kaiowás da região de Mato Grosso do Sul, em particular os/as jovens, os/as quais são vítimas de preconceito devido à sua etnia.

O objetivo do acampamento era prestar apoio político à luta dos/as Guarani-Kaiowás, por isso, dentre as exigências para participação no acampamento, estava o comprometimento e responsabilidade por parte dos/as participantes, considerando o fato de a região ser marcada por intensos conflitos, insegurança e violência, a qual muitas vezes é praticada devido à ausência do estado em prestar assistência e implementar políticas públicas de atenção a esses povos.

A participação no Acampamento possibilitou perceber a realidade de algumas questões envolvendo a juventude Guarani-Kaiowá, a partir de então se despertou o interesse em não apenas ter a percepção, mas principalmente a compreensão da realidade observada, inclusive buscando desenvolver recomendações de políticas públicas de atenção aos/as jovens indígenas, elaborando políticas específicas a esse público, a partir da realidade e da escuta destes/as. O presente artigo é apenas o início de um trabalho que surge com essa perspectiva, tendo como objetivo

principal compreender o sentido de vida e o fenômeno do suicídio entre jovens Guarani-Kaiowás.

O foco na comunidade indígena Guarani-Kaiowá, ocorre por duas razões:

1 - Devido à relação que o autor estabeleceu com indígenas da referida etnia;

2 - Considerando a complexidade e variedade de etnias indígenas presentes no Brasil, as quais possuem costumes e cultura própria.

Inicialmente, a proposta desse artigo é resultado de uma prática, a qual se torna uma questão teórica, buscando encontrar respostas para os seguintes questionamentos:

1 - Qual é a percepção dos/as jovens indígenas sobre o suicídio de seus pares?

2 - Pode-se encontrar resposta à pergunta anterior, na literatura?

No decorrer do artigo iremos contextualizar os Povos Guarani e Kaiowá, em seguida será feita uma breve explanação acerca da Cosmologia Guarani, para assim entrar na temática central desse artigo, o suicídio indígena, mas antes de adentrar nessa questão específica, será abordado o suicídio de maneira mais ampla.

Tendo em vista que o termo adolescente não é comumente usado entre os/as Guarani-Kaiowá e “a ideia de juventude resulta familiar como expressão de determinada idade fisicamente identificável, mas não a de adolescente que expressa um conceito mais psicológico e menos reconhecido culturalmente” (MACHADO; ALCANTARA; TRAJBER, 2014, p. 101), utilizaremos o termo jovem no decorrer desse artigo, inclusive para aqueles/as que são considerados/as adolescentes, na cultura não indígena.

2. POVO GUARANI E KAIOWÁ

Antes de abordar a temática específica do presente artigo, se faz importante uma explanação a respeito do Povo Guarani em si e do histórico dos Guarani Kaiowá.

O Povo Guarani, povo guerreiro que se autodenominava Avá (homem), após migração a partir da região Amazônica, se fixou em diferentes locais da América do Sul, principalmente em territórios na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. A dispersão a partir da Amazônia, conforme aponta estudos arqueológicos, ocorreu por volta dos Séculos I e II depois de Cristo – d.C. (COMISSÃO DE LIDERANÇAS E PROFESSORES GUARANI KAIOWÁ).

Conforme algumas estimativas, produzidas a partir de dados oficiais e informações coletadas pelas principais organizações indígenas e indigenistas, a população Guarani é de cerca de 225 mil pessoas no continente (Idem, p.7). Destas, quase 100 mil estão localizadas na região das fronteiras entre Argentina, Brasil e Paraguai (GRÜNBERG; MELIA, 2008).

Existem, entre o Povo Guarani, grupos que falam a mesma língua e possuem cultura semelhante, porém se denominam de formas diferentes de acordo com a região e o ramo familiar. Dentre os grupos Guarani, estão: os Pãi-Tavyterã ou Kaiowá; Mbyá; Aché ou Guayaki; Chiriguano; Avá Katu; Avá Guarani ou Nhandéva ou Chiripá; Guarani Ocidentais do Chaco.

Os Guarani-Kaiowá (Pãi-Tavyterã), população foco deste artigo, compõem o segundo maior grupo indígena do Brasil, com mais de 43 mil pessoas (BRASIL, 2012) e sua presença na região onde se localiza o estado de Mato Grosso do Sul,

no qual está concentrada a maior população deste grupo, ocorre desde o início da colonização do Brasil, conforme destaca Moncau (2010, p. 7).

No início do Século XVIII os Guarani-Kiowás, ocupavam “um território bastante amplo e fértil que se estendia pela região oriental do Paraguai e pelo Cone Sul do Mato Grosso do Sul, região da Grande Dourados (até o rio Apa), numa área de aproximadamente 40 mil Km²” (SIQUEIRA, 2005). Mesmo sendo um dos maiores grupos indígenas do país, os/as Guarani-Kaiowás vivem em pequenas ilhas de terra. Em 2012 a área total em que os Kaiowás ocupavam, era de 21.211 hectares, o que representa 212,11 Km².

O extinto Serviço de Proteção aos Índios – SPI, instituiu entre os anos de 1915 e 1928, oito reservas indígenas Guarani-Kaiowá, sem conhecer o modo de ser e viver deste grupo (BENITES, 2010).

Na década de 1980 emerge a grande assembleia Guarani-Kaiowá, a Aty Guassu, cujo “objetivo foi o de fazer frente ao processo sistemático de etnocídio, a expulsão e dispersão forçada das famílias extensas indígenas do território tradicional” (Idem).

Em 2010 havia mais de 20 acampamentos Guarani-Kaiowá na beira das estradas de Mato Grosso do Sul. Algumas comunidades viviam/vivem nessas condições há mais de 30 anos. A expectativa de vida dos/as Guarani-Kaiowás é de 45 anos, enquanto a média nacional é de 72,7 anos, tal expectativa é inferior à de países africanos em guerra.

Além das questões abordadas anteriormente, os/as Guarani-Kaiowás vivem em constante situação de conflito com fazendeiros/as e empresários/as, sendo o crescimento do setor sucroalcooleiro um dos fatores do acirramento das tensões.

3. COSMOVISÃO GUARANI

Para a compreensão do fenômeno do suicídio entre jovens Guarani-Kaiowá, é importante compreender a Cosmovisão Guarani, pois a partir dessa compreensão é possível entender a relação que o/a Guarani possui com tudo o que o rodeia, em especial com a Terra, com a aldeia, a qual “é os espaço para a continuidade do seu modo de ser” (NASCIMENTO, 2009, p. 05). Eles/as possuem uma relação com a terra e com o lugar onde vivem, completamente distinta da nossa, a Terra não se trata apenas de um lugar, há toda uma relação afetiva e subjetiva com ela, eles/as se percebem a terra, não apenas da terra.

Os Guarani têm como base de sua organização social, econômica e política, a família extensa, isto é, grupos macro familiares que detêm formas de organização da ocupação espacial dentro dos tekoha determinada por relações de afinidade e consangüinidade. É composta pelo casal, filhos, genros, netos, irmãos e constitui uma unidade de produção e consumo. A cada família extensa corresponderá, como condição para sua existência, uma liderança, em geral um homem que denominam *Tamõi* (avô), não sendo raro, contudo, a existência de líder de família extensa mulher, que denominam *Jari* (avó) – neste caso, a incidência é maior entre os Nandeva. O líder familiar aglutina parentes e os orienta política e religiosamente. Cabe-lhe também as decisões sobre o espaço que seu grupo ocupa no tekoha e onde as famílias nucleares (pais e filhos) pertencentes a seu grupo familiar distribuem suas habitações, plantam suas roças e utilizam os recursos naturais disponíveis. As famílias nucleares hoje em dia vivem em habitações isoladas e dispersas pela área disponível no tekoha, referidas, porém, à casa e presença do *tamõi* ou *jari*. Sua casa é um local

centralizador e ao redor da qual movimenta-se toda a família, onde as pessoas se reúnem e onde haverá um altar (mba'emarangatu) para os jeroky, que são rituais sagrados praticados no cotidiano (ALMEIDA; MURA, 2003).

O tekoha, sendo compreendido como lugar físico, é onde se concretiza o modo de ser Guarani, nesse espaço deve conter o ka'aguy (bosque), pois este é de suma importância na construção da cosmologia, por ser o espaço das narrativas mitológicas e onde habitam incontáveis espíritos (MACHADO; ALCANTARA; TRAJBER, 2014).

A Cosmovisão Guarani possui uma lógica holística, onde tudo e todos/as estão integrados/as. Estão, dentre os “elementos que constituem a cosmovisão de cada povo: suas estruturas sociais, suas práticas socioculturais e religiosas, suas formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino-aprendizagem” (NASCIMENTO, 2009, p. 04).

Na lógica da Cosmovisão Guarani, primeiramente aparece Ñamandu, o Grande Mistério, o Imanifestado, o Um; seguido por Kuaracy, a primeira emanção do Imanifestado, Fogo-Mãe, o Dois; Tupã (Tu – som, Pã – totalidade) aparece em seguida, sendo este o desdobramento do Todo, o Três; por último surge ÑandeCym a Terra, o mundo material, o Quatro.

Os diversos momentos da vida Guarani são marcados por ritos/cerimônias, as quais são celebradas, em sua maioria à noite, o que faz com que o cotidiano do povo Guarani seja silencioso, tornando-os/as aparentemente calados/as. Esse silêncio é, comumente, rompido a noite, quando eles/as vão ao *Opy*, a casa de cantos-orações e se colocam a cantar. Um dos rituais/cerimônias mais importantes para os/as Guaranis é o Nimongarai, “momento em que o ser é nomeado e o espírito acorda por meio do coração” (JECUPÉ, 2001, p. 19).

A tradição ancestral considera a música como espírito da vida, a qual é manifestada em Ñande Ru Tenondé (Nosso Pai Primeiro), a Suprema Consciência, “cujo corpo é o espaço imanifestado e cuja essência manifestada é o ritmo, o Espírito-Música, ou Grande Som Primeiro, também vislumbrado pelos grandes pajés como a Eterna-Música, geradora de vidas” (Idem, p.33).

Segundo a tradição Guarani, “a natureza repete até hoje a dança da criação macrocósmica para que possamos guiar-nos de acordo com seu ritmo e sua harmonia” (Idem, p. 37). Para estes povos,

o Ser emerge do Todo, mas não se desfaz do Todo. Da mesma forma que o Todo se desdobra em dimensões (sete) e mundos (três), o Ser acompanha. No Mundo-Céu, o Ser e o Todo manifestam-se como diversidade; no Mundo-Intermediário, o Ser e o Todo manifestam-se expressando a marca do masculino (jeguaka) e a marca do feminino (jasuka) e colocando a vida em movimento (Ibidem, p. 57).

Os responsáveis pela criação do ser humano são os Pais Primeiros, os quais preparam um co-criador para a morada terrena, que será Tupy, palavra que atualmente está associada a uma etnia indígena. Entretanto,

ela significa literalmente: *tu* = som e *py* = pé, assento (*apy*, *apyka*). *Tupy* quer dizer “som-de-pé”, ou seja, o ser humano. Uma tonalidade da Grande Música Divina colocada em pé, encarnada, dentro de um assento chamado corpo-carne, para entoar a criação no mundo terreno, para ser na Terra o que sua essência sagrada é no céu – escultor, tecelão, cantor e transformador da vida (Ibidem, p. 79).

O Amor incondicional e Sabedoria são vistos como o “grande movimento da vida” e “é com base na qualidade do amor e na da sabedoria que o universo torna-se supraconsciente, consciente e subconsciente de si mesmo” (Ibidem, p. 89).

A lógica de reciprocidade, presente na cultura Guarani-Kaiowá, também está presente em sua cosmovisão, considerando que o Grande Espírito não é responsável por tudo, mas ao contrário, “desdobra-se em Espíritos Co-Criadores” (Ibidem, p. 89).

Mesmo diante das transformações que estes povos viveram nesses mais de cinco séculos, desde a invasão europeia, eles continuam celebrando seus ritos e costumes, ou seja, os valores sagrados, os quais compõem sua cosmovisão, continuam fazendo parte de suas vidas.

4. SUICÍDIO

Conforme destacam Galvão e Abuchaim (2001), suicídio “significa morte intencional auto-inflingida, isto é, quando a pessoa, por desejo de escapar de uma situação de sofrimento intenso, decide tirar sua própria vida”, sendo assim uma forma de morrer tem várias explicações, as quais têm entre si aspectos similares e diferentes.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2000), o suicídio é percebido como um transtorno multidimensional, resultado de uma complexa interação entre diversos fatores, sejam estes ambientais, sociais, fisiológicos, genéticos, biológicos. Isso torna esse fenômeno, não apenas um problema médico, mas de toda uma comunidade.

Sendo um fenômeno complexo, seus aspectos preventivos e interventivos demandam abordagens interdisciplinares. Os estudos quantitativos / epidemiológicos sobre suicídio atualmente apresentam-se fortemente correlacionados com os ditos transtornos mentais, sendo estes considerados um dos principais fatores de risco do suicídio, mesmo que a OMS (Idem) afirme que o suicídio não é uma doença e nem pode ser considerada a manifestação de uma.

As produções científicas sobre o suicídio ainda são incipientes. Os tipos de estudos sobre esse tema podem ser agrupados em qualitativos e quantitativos. Estes representam a maior parte das produções, que por sua vez estão centrados em dois grandes eixos, estudos epidemiológicos e de revisão de literatura. As pesquisas quantitativas sobre o suicídio buscam, dentre outros aspectos, quantificar a frequência deste fenômeno em vários aspectos, produzindo um tipo específico de inteligibilidade sobre o mesmo.

Segundo Kutcher e Chehil (2007), o estigma social do suicídio trás vieses de vergonha, pecado, fracasso, egoísmo, manipulação, o que cria um cenário de silêncio em torno desse tipo de morte. O silêncio dos familiares sobre o suicídio acaba dificultando o entendimento desse fenômeno, tanto quantitativamente quanto qualitativamente, por isso compreender os ‘sentidos’ atribuídos a este fenômeno pelos próprios familiares possa ser mais efetivo no sentido de favorecer medidas preventivas.

Para Marx (2006), o suicídio tem a sua origem no leito familiar, mais precisamente, nas relações opressoras, que serão chamadas de violentas, entre os membros desse pequeno grupo. Segundo ele, “a classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos de nossa sociedade” (Idem, 2006, p. 44).

Conforme afirma Solomon (2002), embora o suicídio seja um ato individual, suas origens estão no social. Ele,

não é resultado da passividade; é o resultado de uma ação. Requer uma grande quantidade de energia e uma vontade forte, além de uma crença na permanência do momento atual e pelo menos um toque de impulsividade. (Idem, 2002, p. 227).

Durkheim (2000), o qual acredita ser possível intervir e prevenir boa parte dos suicídios destaca que,

uma individuação excessiva leva ao suicídio, uma individuação insuficiente produz os mesmos efeitos. Quando é desligado da sociedade, o homem se mata facilmente, e também se mata quando é integrado nela demasiado fortemente (Idem, 2000, p. 269).

Durkheim (Ibidem) destaca que não há apenas um tipo de suicídio. Para ele, o suicídio egoísta tem como causa os homens já não perceberem razão de ser na vida; o suicídio altruísta, essa razão lhes parece estar fora da própria vida; o terceiro tipo de suicídio, cuja existência acabamos de constatar, tem como causa o fato de sua atividade se desregrar e eles sofrerem com isso. Por sua origem, daremos a essa última espécie o nome de *suicídio anômico*. (Ibidem, 2000, p. 328-329).

Apesar de enfatizar três tipos de suicídio, há um quarto tipo, para o qual ele não despense tanta importância, pois,

é tão difícil encontrar exemplos, que nos parece inútil nos deter nele. Contudo, pode ser que tenha interesse histórico. É a esse tipo que pertencem os suicídios de escravos, que se diz serem frequentes em certas condições (ver CORRE, *Le crime em payscréoles*, p. 48), todos aqueles, em suma, que podem ser atribuídos às intemperanças do despotismo material ou moral. Para evidenciar esse caráter inevitável e inflexível da regra segundo a qual nada se pode fazer, e por oposição à expressão anomia que acabamos de empregar, poderíamos chamá-lo de *suicídio fatalista* (DURKHEIM, 2000, p. 353).

Esse quarto tipo de suicídio, fatalista, mesmo parecendo inútil debruçar-se sobre ele, pode vir a ser uma boa chave de leitura, para a compreensão desse fenômeno entre os indígenas da etnia Guarani-Kaiowá, foco desse artigo e de possíveis estudos que visem abordar tal temática.

5. SUICÍDIO GUARANI-KAIOWÁ

As taxas de suicídio entre os Guarani-Kaiowás estão entre as mais altas do mundo, sendo de 166 suicídios por cada 100 mil indígenas, somente no estado de Mato Grosso do Sul. Esse valor é mais que 34 vezes maior que a média nacional. Quando se trata da população indígena jovem, os números são ainda maiores, sendo de 446 suicídios por cada 100 mil indígenas, também em Mato Grosso do Sul (INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, 2011).

Morgado (1991), já naquele ano, destaca a “epidemia” de suicídio entre os Guarani-Kaiowá, entretanto analisando fontes atuais, percebe-se que a realidade do fenômeno do suicídio junto à esse povo, não mudou muito, pois conforme dados do Centro Indigenista Missionário (CIMI, 2012), entre os anos 2000 e 2012, houve 611 casos de suicídio no estado de Mato Grosso do Sul, entre os Guarani-Kaiowá, em sua maioria jovens de 15 a 29 anos. Ainda segundo dados do CIMI (2011), dos casos de suicídio entre indígenas ocorridos no Brasil, entre os anos 2003 e 2010, 83% foram em Mato Grosso do Sul.

Relatório do CIMI (idem) destaca que 83% dos casos de suicídio ocorreram devido a “fatores complexos e delicados, relativos a componentes culturais e sociais”

e que “a extrema situação de violência a que está submetido esses povos, pode ser a principal causa do grande número de suicídios” (p. 79).

Grubits (2011) destaca que o suicídio é maior entre pessoas do sexo masculino, isso ocorre também na comunidade indígena Guarani Kaiowá, na qual 70% dos casos de suicídio são de pessoas do sexo masculino, conforme dados do CIMI (2012).

Ainda segundo Grubits (2011), os próprios indígenas e “pesquisadores consideram desajustes ou mesmo doença como causas para o suicídio entre os Guarani-Kaiowá”, sendo o meio ambiente a causa fundamental única do suicídio e “enquanto as características da sociedade não se alteram, a taxa de suicídio na sociedade tende a ser estável” (Idem, p. 511).

Grubits (Ibidem) afirma que a maior incidência de suicídio entre os/as Guarani-Kaiowá, é no período da juventude.

Dentre os fatores complexos do suicídio, podemos destacar no caso dos suicídios de jovens Guarani-Kaiowá, questões relacionadas à alimentação e ao trabalho. A produção de alimentos, nos territórios indígenas, muitas vezes não são suficientes para a população local, a qual

depende quase exclusivamente das cestas básicas doadas pelo Governo, que duram de 10 a 15 dias fazendo com que a situação de miséria seja permanente, tão poucas são em número para o total da população (MACHADO; ALCANTARA; TRAJBER, 2014, p. 124).

Com relação ao trabalho, devido a baixa oferta e a exigência de nível de escolaridade, muitos/as jovens vão buscar emprego fora de seus territórios.

A grande quantidade de agroindústrias locais representa algumas das escassas alternativas de trabalho para os indígenas. Cerca de 2.000 jovens entre 13 e 26 anos estão trabalhando no corte de cana, com uma longa jornada de trabalho, em condições precárias (Idem, p. 124).

Essas condições de trabalhos precárias podem em alguns casos, serem classificadas como trabalho análogo ao escravo. Além do trabalho na agroindústria há também o tráfico de drogas, o qual transforma esses/as jovens, em sua maioria do sexo masculino, em mão de obra para o contrabando.

Muitos/as jovens indígenas arriscam seu sentido de pertencimento, em busca de reconhecimento, tanto dentro quanto fora de suas comunidades, isso pode acarretar em perda de identificação.

O novo modelo de territorialidade, ao qual estão submetidos os povos Guarani-Kaiowá, mudou bruscamente o seu modo de ser e estar no mundo, o que pode ter relação direta com o aumento do número de suicídios.

Muitos rituais tradicionais estão se reescrevendo e se adaptando, assim, os jovens do sexo masculino transformam os ritos de passagem: em lugar de perfurarem o lábio inferior, saem agora a “fazer-se homens” no corte da cana. Por seu lado, as jovens vão diretamente buscar um companheiro sem passar pelo isolamento e a dieta tradicionais (Ibidem, p. 128).

Conforme a tradição, o/a jovem Guarani-Kaiowá, quando passa o período da puberdade, já pode constituir família, entretanto, muitos/as não o fazem, desenvolvendo assim, grave desordem social. Devido a isso, não são reconhecidos pela família e nem pelas associações existentes na comunidade. Essa falta de reconhecimento os/as coloca em situação de vulnerabilidade, pois por não se sentirem acolhidos/as na família, sem trabalho nas reservas, sendo excluídos/as na cidade, acabam por se sentirem sem um lugar próprio (Ibidem).

Os jovens indígenas de hoje convivem sem apoio familiar, com amigos efêmeros, sem saber qual é o seu lugar, vivem o dia a dia sem quase nunca conjugar o verbo no futuro, o máximo é o futuro muito próximo, do amanhã. Carregam um trauma comunitário cheio de histórias contadas por seus

parentes, histórias de exploração, violência, mortes, perda da dignidade, enfim, a história recente de muitos povos indígenas. Histórias carregadas de traumas, presas a um presente de frustrações e impotência (Ibidem, p. 131).

Devido a esses e outros fatores, os/as jovens que passam por tal situação, sentem vontade de sair da comunidade, entretanto, temem não adaptarem-se à vida na cidade, pois muitas vezes são odiados/as, vistos/as como preguiçosos/as e vagabundos/as.

Entre os/as jovens guarani-kaiowá, não existe “uma causa unívoca para cometer suicídio, mas múltiplos fatores sociais, econômicos e culturais que compõem a causalidade deste fenômeno” (Ibidem, p 134).

A compreensão do fenômeno do suicídio exige afastar-se de “explicações oriundas de modelos biológicos e habituais das sociedades ocidentais”(Ibidem), principalmente para buscar perceber o entendimento dos/as jovens acerca da tristeza, a qual é “uma das principais explicações como causa do suicídio” (Ibidem).

Para os/as Guarani-Kaiowá, a tristeza, que faz com que o/a jovem se isole, tanto da família, quanto dos/as amigos/as, é contagiosa e comumente é acompanhada do suicídio. Dentre as causas da tristeza, estão a agressividade (Nhevyrõ); a bruxaria (Pajeivai / monhã vai); o espectro da morte (Angue); as fofocas (Kyse-yura); e os mal entendidos (Nhã nhã).

Conforme demonstram os índices de suicídio, os Guarani-Kaiowá, são os/as que mais se matam, isso pode ser devido ao fato de serem, dos grupos Guarani, os mais ligados à tradição, tornando o diálogo cultural mais acirrado (Ibidem).

Os preconceitos da sociedade, acentuados pela falta de terra e de renda, fazem com que esta população indígena se sinta distanciada de todo processo de inclusão social que a sociedade não indígena possa oferecer (Ibidem, p. 138).

Em meados de maio do corrente ano, Fasolo (2014), divulgou notícia na qual informava que o ano de 2013, segundo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), foi o ano com o maior índice de suicídio, em 28 anos. Tais dados reforçam a ideia que a questão do suicídio indígena, é uma questão de saúde pública.

6. CONCLUSÃO

A partir das questões apresentadas no início desse artigo e com a pesquisa de levantamento bibliográfico que se realizou, foi possível perceber que há publicações científicas acerca do suicídio em jovens Guarani-Kaiowá, contudo tais publicações não respondem aos questionamentos feitos inicialmente, pois número considerável de publicações se refere e está centrado em uma abordagem epidemiológica.

Sentimos falta de publicações voltadas a essa temática, com olhar a partir da psicologia. A maior parte das publicações consultadas faz parte do universo da antropologia e da sociologia. A partir dessa percepção, podemos questionar: o fato de a psicologia não debruçar-se sobre a questão do suicídio indígena, corrobora para não se ter uma análise, a qual busque compreender a subjetividade dos/as jovens indígenas e sua percepção acerca dessa temática?

A psicologia como ciência e seus/suas profissionais, precisa fazer alto-reflexão e se questionarem, por que a psicologia não está nas comunidades indígenas? Essa presença deve ocorrer não a partir de abordagem eurocêntricas ou norte-americanas, mas que partam da própria realidade dos/as indígenas, ela

(psicologia) deve começar a caminhar para fazer brotar uma psicologia indígena, pois a lógica destes povos é completamente distinta da lógica ocidental e isso faz com que sofram os mais diversos tipos de violência.

Dentre os tipos de suicídio apresentados no texto, cabe o seguinte questionamento: o tipo de suicídio cometido pelos Guarani-Kaiowá se enquadra no suicídio fatalista?

É importante que se crie espaços de escuta para os/as jovens, mas que não seja um olhar de colonizador, mas de alguém que compreende e acolhe as suas demandas. Existem publicações que apresentam recomendações com relação ao suicídio entre jovens Guarani-Kaiowá, contudo, tais recomendações são propostas pelos/as próprias jovens?

Para Jecupé (2001), é necessário “tornar-se um pouco Guarani e acordar o coração para compreendê-los” (p. 21). Em uma perspectiva “academicista”, na qual o/a observador/a deve se distanciar de seu objeto de estudo, tal afirmação é absurda, principalmente tendo em vista o preconceito que a sociedade não indígena, incluindo a academia, possui para com estes povos, considerando-os ignorantes, preguiçosos e diversos outros adjetivos que menosprezam a identidade indígena. Porém, considerando a percepção que a sociedade tem acerca dos povos indígenas, é importante que o/a pesquisador/a busque tornar-se um pouco Guarani-Kaiowá, pois como diz uma frase atribuída a Frei Betto, “a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”.

Muitas vezes as ações propostas pelas diversas instâncias da sociedade, que visam solucionar e/ou minimizar a situação de vulnerabilidade e risco, na qual se encontram muitos/as jovens indígenas, parecem ser ineficazes e isso provoca dois questionamentos, os quais devem ser feitos por todos/as atores/atrizes da sociedade, que trabalham com as questões indígenas. Qual é a causa da ineficiência dessas ações? Está sendo feito algo com a participação da comunidade indígena ou algo imposto?

Talvez seja importante e necessário, que a academia e de maneira mais específica, a psicologia, desçam do “Olimpo”, para buscar compreender e mais que isso perceber a dinâmica e o manejo da própria comunidade indígena, no que se refere às questões relacionadas ao suicídio. Para que as recomendações de políticas públicas de atenção a essa questão, sejam de fato concretizadas, é essencial que as autoridades públicas saiam de seus gabinetes e conheçam a realidade em que estes povos vivem.

Inúmeros são os questionamentos e considerações a serem feitos acerca da realidade apresentada, bem como sobre as questões indígenas de maneira geral, o que demonstra a necessidade de continuidade e ampliação desse e de outros estudos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomaz de; MURA, Fabio. **Guarani Kaiowá**, organização social. In: Povos Indígenas no Brasil. 2003. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/555>>. Acesso em: 01 mai. 2014.

BENITES, Tonico. Guarani-Kaiowá resiste!. **Caros Amigos**, São Paulo, ano XIV, n. 51, p. 10, out. 2010.

BRASIL. **Censo demográfico 2010**, características gerais dos indígenas. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 244 p. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf>. Acesso em: 20 abril 2014.

COMISSÃO DE LIDERANÇAS E PROFESSORES GUARANI KAIOWÁ; CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Povo Guarani**, Grande povo. 20 p. Disponível em: <<http://www.djweb.com.br/historia/arquivos/cartilha02.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **Relatório: Violência contra os povos indígenas no Brasil**, 2012. Brasília, 2012. 139 p.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. **As violências contra os povos indígenas em Mato Grosso do Sul: E as resistências do Bem Viver por uma Terra Sem Males**, 2011. Mato Grosso do Sul, 2011. 112 p.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 515 p.

FASOLO, Carolina. **Índice de suicídios entre indígenas no Mato Grosso do Sul é o maior em 28 anos**. Adital, 2014. Disponível em: <<http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=80765>>. Acesso em: 27 maio 2014.

GALVÃO, Ana Luiza; ABUCHAIM, Claudio Moojen. **Suicídio**. ABC da Saúde Informações Médicas Ltda, 2010. Disponível em: <<http://www.abcdasaude.com.br/psiquiatria/suicidio>>. Acesso em: 25 mai. 2014.

GRUBITS, Sonia; FREIRE, Heloisa Bruna Grubits; NORIEGA, José Angel Vera. Suicídios de jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 504-517. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n3/v31n3a06.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2014.

GRÜNBERG, Georg; MELIA, Bartomeu. **Mapa Guarani Retã 2008**, Povos Guarani na fronteira Argentina, Brasil e Paraguai. São Paulo: CTI, 2008. 28 p. Disponível em: <http://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2012/11/caderno_guarani_-portugues.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2014.

INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Suicídio adolescente entre indígenas é tema de informe**. Disponível em: <<http://www.criancanoparlamento.org.br/?q=node/948>>. Acesso em: 10 maio 2014.

JECUPÉ, Kaka Werá. **Tupã Tenondé: a criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Peirópolis, 2001. 117 p.

KUTCHER, Stan; CHEHIL, Sonia. **Manejo do risco de suicídio: um manual para profissionais de saúde**. São Paulo: Lundbeck, 2007. 134 p.

MACHADO, Indianara Ramires; ALCANTARA, Maria de Lourdes Beldi de; TRAJBER, Zelik. Brasil: em busca de um lugar para os jovens indígenas guarani. In: UNICEF. **Suicídio adolescente em povos indígenas 3 estudos**. São Paulo: Arte Brasil, 2014. p. 100-145.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006. 84 p.

MONCAU, Joana; PIMENTEL, Spensy. O genocídio surreal dos Guarani-Kaiowá. **Caros Amigos**, São Paulo, ano XIV, n. 51, p. 4-7, out. 2010.

MORGADO, Anastácio F. Epidemia de Suicídio entre os Guaraní-Kaiwá: Indagando suas Causas e Avançando a Hipótese do Recuo Impossível. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 585-598, out./dez. 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v7n4/v7n4a09.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

NASCIMENTO, Adir Casaro et al. **A cosmovisão e as representações das crianças kaiowá e guarani no mato grosso do sul: o antes e o depois da escolarização, algumas percepções**. Campo Grande: UCDB, 2009. Disponível em: <http://www.neppi.org/projetos/guarani_kaiowa_pesquisa_detalhes.php?id=334>. Acesso em 29 abril 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Departamento de saúde mental, transtornos mentais e comportamentais. **Prevenção do suicídio: um manual para médicos clínicos gerais**. Genebra, 2000. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_gp_port.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2014.

SIQUEIRA, Eranir Martins; SOUSA, Neimar Machado de. A atuação do serviço de proteção ao índio e a história dos Guarani/Kaiowá. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1457.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

SOLOMON, Andrew. Suicídio. In: _____. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p.